

AI, o refúgio de Golbery

Aos 75 anos de idade em pleno vigor, ele tem excelente material para escrever sobre a fase ainda obscura da História do Brasil, inclusive porque já foi apontado por certos historiadores como autêntica versão do Rasputin nacional (manipulava o poder com rara sutileza) dos dois últimos governos militares do já cognominado ciclo dos generais (1964-84). Mas o general Golbery do Couto e Silva, ex-ministro de Geisel e Figueiredo, confessa candidamente ao repórter que não está escrevendo nenhum livro, muito menos de memórias.

— "Passo o tempo de descanso na minha chácara cuidando das minhas plantas, das minhas vaquinhas e dos meus bichos. Minha mulher adora essas coisas e estou aprendendo com ela a amar tudo isso..."

Com a extensão de 10 alqueires golanos (cerca de 50 hectares) e localizada a 35 quilômetros de Luziânia, o que o general Golbery chama de "chácara" faz lembrar um pequeno oasis construído no cerrado, devidamente cercado por todos os lados. No rolo dos "bichos" incluem-se bonitas vacas leiteiras Jersey (não podem ser desapropriadas porque não é gado de açougue), ovelhas, cabritos e galináceos. O acervo agrícola está formado por plantas frutíferas das mais variadas, com abundância de mangas e jaboticabas. Mas há um pouco de tudo: laranja, limão, caqui, amora, pêssego e produção de legumes. Paraíso auto-suficiente com o nome de "Sítio da Amizade", o grande portão de ferro pintado de verde, com guarita à esquerda da entrada e um vigia armado de 38 pendurado na cinta, é a primeira prova de que só têm acesso ao casarão central de amplas varandas pessoas escolhidas a dedo pelo homem que até pouco tempo dava as cartas no Palácio do Planalto.

— "Gosto muito daqui por que é um lugar sossegado, muito tranquilo, muito calmo. Luziânia também é pacata, muito embora tenha sofrido um pouco com a presença de Brasília, transformando-se de certa forma em cidade dormitório".

Nascido na cidade litorânea de Rio Grande (RS), há 20 anos que o general Golbery se instalou em sua propriedade,

transformando-a numa espécie de fortaleza particular, onde se abastece de paz no convívio familiar. Desde que se retirou do cenário do poder, quando se desentendeu com o presidente Figueiredo por ser favorável à punição dos militares envolvidos no episódio do Riocentro, no Rio de Janeiro, com a explosão da bomba que matou no dia 15 de maio de 1981 um sargento e feriu gravemente um capitão (acidente de trabalho) — o ex-ministro passou a viver no "Sítio da Amizade". Daí só saí nas manhãs de terças e quintas para atender expediente na diretoria do Banco da Cidade de São Paulo, agência brasiliense (SCS), e para fazer pequenas compras na cidade de Luziânia.

— "Prefiro ir a Luziânia porque lá as coisas são mais fáceis e mais baratas. E também porque os negociantes de lá já me conhecem".

— O senhor é reconhecido pelos populares na rua?

— "Nunca percebi isso. E depois vou sempre lá de carro..."

Se não está escrevendo um livro de memórias, o que é uma pena, mesmo assim o general Golbery do Couto e Silva tem muita coisa para contar sobre fatos inéditos ocorridos nos bastidores do poder no regime militar, inclusive porque foi um dos fundadores e mentores do Serviço Nacional de Informações (governo Castelo), sigla que virou assombração. Mas ele continua se reservando ao silêncio, fugindo de jornalistas como o diabo da cruz. Ao contrário do que se possa imaginar de um militar que já foi o todo-poderoso, Golbery é um homem afável, educado, o que não deve ser confundido com coração mole. Só consentiu em conversar com o repórter depois de um cerco de três dias, assim mesmo impondo condição essencial: entrevista curta sem tom político. Eleitor em Luziânia, se esquiva de falar sobre o próximo pleito, muito menos em quem vai votar. Mas dá a sua opinião quando lhe falamos no projeto de alguns deputados de ampliar a área do Distrito Federal:

— "Isso não me parece de interesse imediato. De certa forma já se está processando a integração na região geoeconômica de Brasília, que deve ser gradual e planejada com maior cuidado".